



ELENA COMEÇA A DANÇAR: O MODO DE SER FEMININO NO ENSAIO DE PETRA COSTA¹

Letícia Benevides Araújo Almeida²
Alexandre Tadeu dos Santos³
Universidade Federal de Goiás (UFG)

18

Resumo: De forma introdutória, este trabalho pretende olhar para o modo de ser feminino a partir do filme-ensaio Elena (2012) de Petra Costa. A diretora desvela um modo de ser particular ao realizar o filme, compartilhando suas vivências, lembranças com sua irmã mais velha e pensamentos em pulsos, como um fluxo de consciência. Tendo como base a presença ativa de Petra e a relação com outras mulheres de sua história, objetiva-se realizar uma análise fílmica pensando neste possível devir-mulher.

Palavras-chave: Filme-ensaio. Feminino. Análise fílmica. Elena.

Resumo expandido

"Elena começa a dançar" (ELENA, 2012) quando a sua irmã mais nova, Petra Costa, nasce junto ao fim da ditadura militar no Brasil e sua família sai da clandestinidade. O filme volta a se colorir consagrando o nascimento de Petra Costa e a vivacidade de Elena em tempos de liberdade. Porém, essa existência é atravessada pelas dificuldades do devir-feminino. Por meio de imagens de arquivo, entrevistas, vídeos caseiros, ensaios fotográficos essas experiências femininas são desveladas. Parto para minha reflexão que busca pensar sobre o modo de ser feminino no filme-ensaio Elena (2012), realizado por Petra Costa, observando uma possível feitura particular de uma realizadora mulher. Além do modo que o ser feminino ocupa e é ocupado pelo mundo ou, o que é ainda mais relevante, deixa de ser ocupado por este segundo uma afinação de espírito particular da falta presente na questão, me instiga o fato de Elena (2012) ter sido o filme documental mais assistido em 2013 (TAVARES, 2017).

Sua relevância se mostra maior por não ser uma realidade dos filmes dirigidos por

¹ Trabalho apresentado à 11ª SAU UFG e 1º Encontro das Escolas de Cinema do Brasil Central.

² Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) pela Faculdade de Informação e Comunicação (FIC) da Universidade Federal de Goiás (UFG). Bolsista da Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de Goiás (FAPEG). E-mail: leticiaabene.a@gmail.com

³ Doutor em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo - USP. Professor adjunto na Faculdade de Informação e Comunicação na Universidade Federal de Goiás - UFG. E-mail: alexandre@ufg.br

mulheres. Somente vinte anos após o surgimento do cinema documental brasileiro, diretoras passaram a ganhar impulso neste estilo fílmico. Segundo Karla Holanda (2015), essas realizadoras procuram preencher os espaços deixados na história política brasileira. "[...] não se trata somente de uma busca da história perdida, mas de uma busca também de si, de um espaço nem sempre ocupado." (HOLANDA, 2015). Petra Costa parece fazer o mesmo nessa busca pelo que fica de sua irmã falecida se deparando com seu próprio ser.

Trabalho com a hipótese de que Elena (2012), utilizando da linguagem ensaística, explora e expõe as particularidades do seu modo de ser feminino segundo a afinação de espírito da falta, que remete à finitude de um modo particular. Essa tonalidade afetiva parece emergir como tal – algo próprio do ser – ao se impessoalizar na mistura das vivências de Petra e de sua irmã. Todavia, mesmo tratando de assuntos universais que atravessam o devir-feminino, como a solidão e o suicídio, o filme-ensaio retrata as fragilidades do modo de ser feminino burguês, branco e "pouco correspondem às espoliações que afetam pessoas racializadas, das classes populares." (GUSMAN, p. 86, 2021). Segundo Maria Lugones (2011) mulheres negras e proletárias são excluídas da própria categoria "mulher" e a violência imposta para esses corpos se distanciam da construção de ideal feminino que parece compor a obra de Petra. Mesmo aceitando essa hipótese, a obra não perde sua potência e possibilita, através dessas discussões abertas, que outras cineastas explorem as lacunas deixadas.

Em um primeiro momento, pretendo fazer uma revisão bibliográfica do conceito de filme-ensaio e uma breve exposição do Elena (2012), para, em seguida, refletir sobre o modo de ser feminino nesse contexto. Com essa fundamentação, partirei para a apreensão das complexas relações que se estabelecem entre o filme e o devir-mulher.

Partindo da análise fílmica, logo no primeiro minuto de filme, nos deparamos com uma analogia à vida que se esvai no fluxo, o curso da vida: vemos tecidos floridos, folhas e flores escorrerem no que parece ser um rio, levando a matéria morta ou sem vida por seus eflúvios. O plano é bem próximo e as texturas ficam aparentes. Essa cena se repete ao final do longa, mas agora de um plano médio revelando mulheres correndo no rio. Petra parece se afogar como a personagem Ofélia em Hamlet de Shakespeare para reencontrar a



vida. Em entrevista para a Revista Cult em 2013, a diretora conta sobre sua inspiração shakespeariana em que viu em Ofélia um arquétipo presente nela e em sua irmã mais nova. “[...] Eu via muitas garotas passando por situações parecidas, por crises existenciais, nessa transição.” (COSTA, 2013).

Ofélia, Petra, Elena, Letícia, Giovanna, nos afogamos nesse devir-feminino. Estamos em constante procura e nesse ato de afogar e renascer, podemos nos encontrar ou nos perder. Uma circularidade própria do existir (ek-sistir), nosso ser-aí. A diretora, ao longo do filme, reivindica o seu ser na falta de si do outro, expondo a forma como ela ocupa e é ocupada pelo mundo segundo o ser feminino. A forma como ela se ocupa de Elena e por ela é ocupada e, ao que parece, deixada vazia também. Essa reivindicação do "direito de olhar" (MIRZOEFF, 2016) sobre a morte de sua irmã constata a sua autonomia, a liberdade de ser outro como condição própria do existir. Essa possibilidade de olhar foi ampliada para quem assiste a Elena (BENEVIDES; SANTOS; COCA, p. 296, 2021). A dança começa e finaliza o filme. Mas, agora, é Petra quem sai da clandestinidade do luto e pode dançar nas ruas, como Elena com o fim da ditadura militar.

Referências Bibliográficas

BENEVIDES, Letícia; SANTOS, Alexandre Tadeu dos; COCA, Adriana Pierre. Por onde anda Elena? A circulação no filme-ensaio de Petra Costa. In: **XV SEMIC: Seminário Internacional de Mídia, Cultura, Cidadania e Informação**. Goiânia. 2021, p. 291-310.

COSTA, Petra. De Ofélia a Elena. Entrevista concedida a Sérgio Rizzo. **Revista Cult**, São Paulo, Edição 179, jun. 2013. Disponível em: . Acesso: 15 mai. 2022.

ELENA. Direção: Petra Costa. Intérpretes: Petra Costa, Elena Andrade e Li An. Belo Horizonte: Espaço Filmes, 2012. (80 min.), son., color, digital.

GUSMAN, J. Os excessos de Elena: o ensaio e o devir mulher na obra de Petra Costa. **Novos Olhares**, 10(1), 78-87, 2021.

HOLANDA, K. (2015). Documentaristas brasileiras e as vozes feminina e masculina. **Significação**, 42(44), 339-358. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-7114.sig.2015.103434>

TAVARES, D. (2017). Documentário biográfico e protagonismo feminino. In K. Holanda, & M. Tedesco. **Feminino e plural: Mulheres no cinema brasileiro** (p. 199-212) Papirus, 2017.